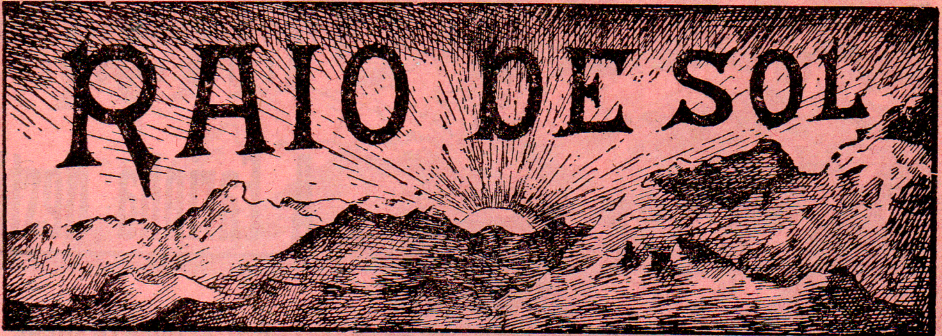


ANO VIII — N.º 12
DEZEMBRO — 1932

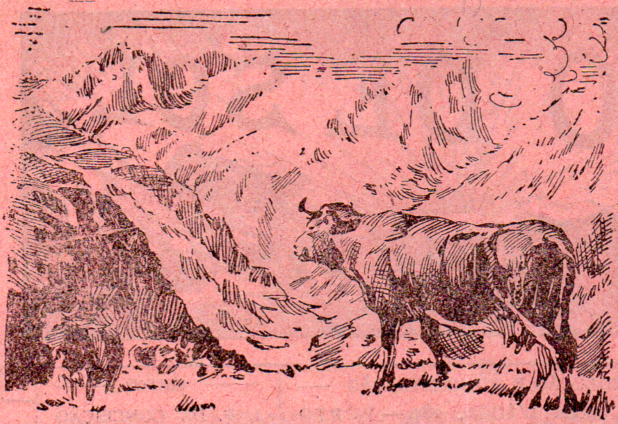
— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO —
LARGO ARCA D'ÁGUA, 289 — PORTO

— EDITOR —
J. P. DA CONCEIÇÃO

O anjo lhes
disse: Não temais,
porque eis aqui vos
venho anunciar um grande
goso, que o será para todo o povo,
e é que hoje vos nasceu
na cidade de David o
Salvador, que é o
Cristo Senhor.

S. LUCAS 2: 10/11

Visado pela Comissão
— de Censura —



FEITO COM O EXCELENTE
LEITE DA SUIÇA

A Farinha Nestlé

É O ALIMENTO IDEAL
DAS CRIANÇAS

PEDIR AMOSTRAS À

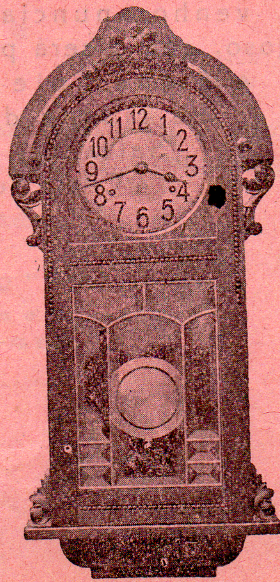
CASA NESTLÉ

Rua Ivens, 11-13 — LISBOA

A MELHOR LOUÇA
esmaltada
tem esta
marca

MINCHIN
MR

Fábrica de Relógios
"A BOA REGULADORA"



DE

J. Carvalho & Irmão, L.da

V. N. DE FAMALICÃO

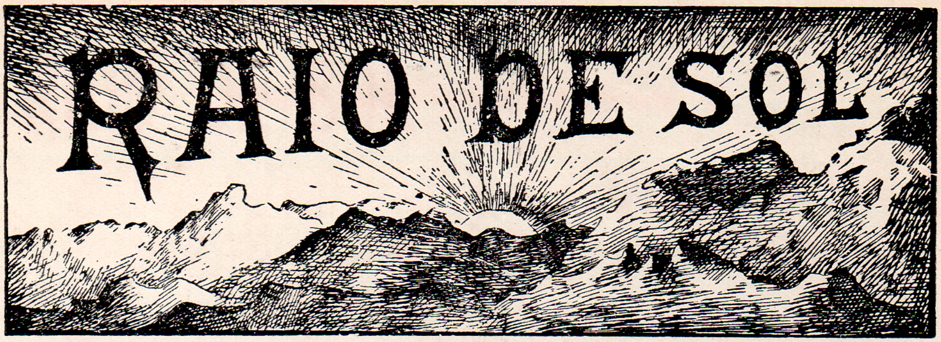
Fábrica de relógios que não trocam as horas

80 MODELOS

Medalhas de ouro em tôdas as Exposições a que concorreu em Portugal, Brasil e Espanha.

Sistemas privilegiados e registados

A' venda em todas as relojoarias do Paiz



MENSARIO ILUSTRADO

VOLUME VIII

1932

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO ÁRCA D'ÁGUA, 289
PORTO

Como celebrar o Natal (Página 95)

RAIO DE SOL
ANO VIII — N.º 12 DEZEMBRO — 1932
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
LARGO ARCA D'ÁGUA, 289 — PÔRTO
EDITOR: J. P. DA CONCEIÇÃO

O SOL

Quando Deus criou a terra,
que é um mundo, criou mais;
criou peixes e reptis,
aves e outros animais.

Criou também o animal
que por *homem* é chamado,
e para o seu bem na terra
fêz tudo o que está criado.

O sol criou para o dia,
para dar luz e calor;
e à sua luz bemfazeja
vive o homem, vive a flor.

O sol nem sequer um dia
deixa de dar sua luz
e quando para nós é noite
noutras paragens reluz.

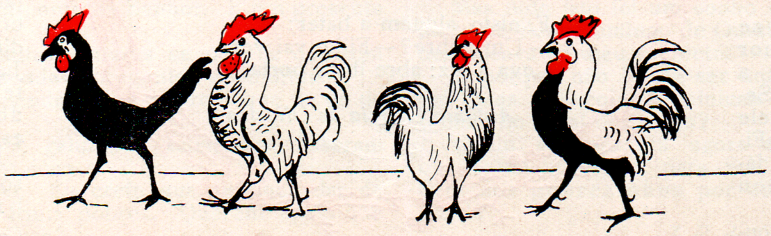
De madrugada, bem cedo
podemos ouvir cantar
os passarinhos, contentes,
quando o sol vem a chegar.

E à tardinha êles também
dizem ao sol o adeus,
e agradecem todo o dia
essa mercê que é de Deus.

O homem já descobriu
no sol um grande poder,
e tem-se servido dêle
para grandes coisas fazer.

Ama o sol o passarinho,
amam as flores também;
todos os seres com o homem
querem e sentem seu bem.

Rosina da Conceição.



A sociedade do João

Foi um Domingo grande aquele Domingo.

Tôda a semana eu havia pensado como seria interessante uma prova especial de que os alunos da Escola Dominical pensavam a sério em manifestar a sua gratidão ao Senhor por ocasião do Natal.

Eu não podia esquecer naturalmente, como Domingo após Domingo, e durante um ano inteiro, as crianças traziam os seus óbulos com o fim de subsidiar o trabalho missionário e os pobrezinhos. Seria injusto não reconhecer êsses movimentos dos corações.

Mas eu gostava de ver uma manifestação especial e expontânea por ocasião do Natal. Já que o Natal recorda que «Deus amou de tal maneira que *deu* a Seu Filho» eu queria que a propósito do Natal «dar» fôsse uma palavra tão querida que representasse a nota tónica das festas.

Dar-se e dar! Oh como eu desejava que assim fôsse com todos! Dar-se primeiramente ao Senhor e dar aos outros em nome do Senhor!

Mas aquele Domingo foi um Domingo grande! Extraordinário mesmo!

Depois da reünião de louvor e oração ao Senhor as classes foram para os seus logares.

E as classes voltaram a juntar-se.

Falou-se da proximidade do Natal.

Falou-se de presentes.

Falou-se do melhor presente a dar ao Senhor, àquele que diz: «Filho meu, dá-me o teu coração».

E os louvores e as orações de novo subiram até ao Senhor.

E a Escola Dominical principiou a dispersar.

E o meu pensamento «dar-se e dar» não me largava. Mas eu não via senão o costume. Nenhuma coisa extraordinária.

Regressei a casa pensativo.

E mal me havia instalado no meu gabinete quando me anunciaram que algumas crianças estavam à porta e desejavam falar-me.

Fui atendê-las. Eram minhas conhecidas.

Talvez das mais pobrinhas da Escola Dominical.

O João, pelo menos, eu conhecia como filho de pais muito, muito pobres. E êle estava no bando.

— Que quereis, pequeninos?

— Nada, responderam alguns.

— Fala tu, João, fala, disse a pequenina Maria.

E João mexendo nas duas algibeiras das calças tirou as mãos cheias de moedas de varios valores e explicou:

— Fizemos uma sociedade. Somos vinte sócios, acrescentou êle, com certo tom de importância.

— E nós, as meninas, também pertencemos, disse a pequenita Maria.

— Fizemos esta sociedade para juntar dinheiro para, em nome do Senhor Jesus, dar de jantar a pobrezinhos no dia de Natal. Juntamos oitenta escudos. Aqui estão.

— Mas é só para pobrezinhos

Continua na pág. 91

CARIDADE

Das terras da sementeira,
O pai chegou mesmo agora,
Lidou a mãi desde a aurora
Bemdita e alegre canceira!

Ferve o caldo na lareira.
Que vento e frio lá fora!
É o lume diz — Muito embora!
Chegai-vos à minha beira.

Todos, filho, pai e mãi,
Ei-los ao fogo. Que bem!
É noite? chove? que importa?!

E, nisto, alguém a bater:
— Um pobre? — Filho vai ver,
Leva a luz: abre-lhe a porta.

António Correia de Oliveira.

Letra de H. M. WRIGHT **EM SILÊNCIO** *Música de H. GREEN*



À minha alma, agora,
Vem, Senhor, falar!
Aos Teus pés espero
Para Te escutar!

Eis que, no silêncio,
Escuto com amor
Tua voz bemdita,
O' meu Salvador!

Entre as mil que soam,
Quero a Tua ouvir,
Onde Tu chamares
Pronto a Te seguir!

Cheias são de vida
E de puro amor
Tuas sãs palavras,
O' Jesus, Senhor!

Quando Tu nos falas,
Que consolação
Tranqüilizadora
Enche o coração!

Uma só palavra
Basta p'ra tornar
O mais fraco forte,
Tudo transformar!

que não tenham jantar, disse outra pequenita.

— Há muito que temos a Sociedade, disse um dos pequenitos. É a Sociedade do João. Foi êle que propôs a Sociedade.

Como eu rejubilava! Se me vissem! Quási não podia falar. As lágrimas corriam. E eu recordava então como fôra injusto pensando que não tinha havido quem pensasse em «dar-se e dar» a propósito do Natal.

E o João esclarecia:

— Há pobrezinhos mais pobrezinhos do que nós. É para êles que nós juntamos e damos em nome do Senhor. É um presente de Natal.

— Quantos jantares se podem dar com oitenta escudos? preguntou a Guidinha.

— Depende. Que querem que se dê de jantar?

— Sopa, galinha e rabanadas, disseram alguns em côro.

— Bem. Eu creio que se pode dar de jantar a trinta pobres. Querem então que eu trate disso?

— Queremos, disseram todos.

E eu encarreguei os vinte «sócios» de escolher os pobrezinhos.

Formou-se uma comissão das meninas maiores que, juntamente com as professoras, se encarregaram de fazer o jantar e preparar a sala onde teve lugar o banquete no dia de Natal.

Que alegria a dos pobrezinhos! que alegria a da Sociedade do João! que alegria a minha! que alegria a de tôda a Escola!

*

Mas...

Mas tudo isto foi um sonho que eu tive na tarde dum Domingo de Outubro, quando descansava no meu gabinete.

E porque não há de ser uma realidade em tôdas as Escolas Dominicais o «dar-se e o dar» no Natal dêste ano?

Quem se consagra agora ao Senhor? quem vai trabalhar para Sua glória e a bem dos pobrezinhos por ocasião dêste Natal?

J. P. da Conceição.

ESCOLA DOMINICAL

LIÇÕES INTERNACIONAIS

Domingo, 11 de Dezembro de 1932.

ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO

LIÇÃO PRINCIPAL: Nehemias VIII 10-17; Marcos VI 30-32. TEXTO ÁUREO: «Logo, ou vós comais, ou bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» — I Cor. X 31.

A glória que doira a vida

HAVIA há muito tempo, em certo lugar um relógio de sol, de pedra e bronze, que tinha gravadas umas palavras latinas querendo dizer isto:

NÃO MARCO SENÃO AS HORAS DE LUZ

À primeira vista parece brincadeira dizer-se isto dum relógio de sol. Pois decerto, encobrindo-se o sol não pode ele marcar as horas, pois só as marca no quadrante por meio de sombra dum ponteiro ou asa metálica.

Já vistes?

Mas não é brincadeira, não. Encerra uma lição para nós, pois nos quere dizer que é preferível esquecer as horas sombrias e tristes, de tentação e queda, de dor e de angústia para melhor lembrarmos aquelas que são aquecidas e iluminadas pelo Sol da Justiça. «Deixemos tôda a carga e o pecado que tão còmodamente nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus.

Comendo ou bebendo, no trabalho, no repouso ou no recreio, tudo seja para a glória de Deus, e essa glória doirará os nossos dias.



A preparar para a festa

Domingo, 18 de Dezembro de 1932.

REVISTA DO 4.º TRIMESTRE

LEITURA DEVOCIONAL:—Filipenses III 8-14. TEXTO ÁUREO: «Se alguém quere vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz cada dia e siga-me» — Lucas IX 23.

Padrões da vida

A VIDA está na raiz, no caule, nos ramos, na flor, no fruto, na semente. Rasga-se o caule nos ramos, dão estes a seiva à flor, sacrifica-se a flor no fruto, quebra-se o fruto para libertar a semente, morre a semente fendida para dela brotar a vida duma nova planta.

A vida está no indivíduo, no lar, na nação, no mundo.

É a mesma ordem de dádiva, de sacrifício, de morte para vida, deve aqui existir.

Só é vida formosa aquela que se dá em amor, em auxílio, em ensino, em mensagem da verdade.

A vida que vem de Deus se concentra numa alma, se reparte numa vida, brilha, reflecte, repercute-se como os écos nas quebradas duma serra.

«Nós, que vivemos, somos a tôda a hora entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus apareça na nossa carta mortal». (II Cor. 4-11)

Meus queridos amiguinhos: que as lições recebidas nestes três meses fiquem para sempre nas vossas vidas produzindo frutos, derramando luz, repetindo os écos dos céus!

Domingo, 25 de Dezembro de 1932.

O DOM DE DEUS

LIÇÃO PRINCIPAL: — Lucas II 8-20. TEXTO ÁUREO: — «De tal maneira amou Deus ao mundo, que lhe deu Seu Filho unigénito, para que todo o que crê nêle não pereça, mas tenha a vida eterna» João III-16.

Ao findar do ano

É VELHISSIMO costume dar prendas por êste tempo, como sinal de amizade, como testemunho de aprêço ou como lembrança comemorativa do Natal do Senhor e do Novo Ano que se aproxima.

Para os mais pequenos é êste um tempo ditoso, em que se sonha com uma árvore maravilhosa, de frutos variados, coloridos e brilhantes, que se distribuem depois duma festa com muita luz e muita música.



E mesmo para os mais velhos é muito agradável a festa de alegria e de paz e a consideração duma dádiva sem igual que Deus fez a êste mundo na pessoa de seu Filho.

É êsse o Dom de Deus.

Os antigos faziam seus dons aos deuses falsos e a êles atribuíam também os dons naturais. Os frutos da terra eram para êles os dons de Pomona e Ceres, o tempo o dom de Saturno e a inteligência o dom de Minerva, etc. Não sabiam agradecer ao Criador os dons que a sua Providência nos concede. E quando um dia lhes foi prègado Cristo e o seu Evangelho o Dom de Deus feito generosamente ao mundo ignorante e pecador, muitos dos pagãos aceitaram maravilhados uma prova de tanto amor, mas outros mantiveram-se indiferentes, surdos e cegos à verdade anunciada!

Ainda hoje, tantos pagãos nos cercam! Anunciemos-lhes, sem desfalecimento, o que temos aprendido na Escola Dominical.

Domingo, 1 de Janeiro de 1933.

JOÃO PREPARA O CAMINHO PARA JESUS

LIÇÃO PRINCIPAL: — Marc I 1-11. TEXTO ÁUREO: — «Aparelhai o caminho do Senhor, fazei direitas as suas veredas» — Marc. 1-3.

«Quem dá a tempo, dá duas vezes»

FOI no «cumprimento dos tempos», no momento apróприado, que o Senhor se fêz anunciar por João, o grande Pioneiro. Isto significa que, se tivesse vindo mais cedo, a semente ter-se-ia perdido tôda entre as pedras, ou no solo duro, comida pelas aves; mas se viesse mais tarde quantos, quantos mais se perderiam, que podiam achar a Verdade! O Senhor Deus fêz a tempo a sua dádiva de infinito amor, e «quem dá a tempo dá duas vezes».

João veio no espírito da grande oportunidade e também não perdeu tempo. O Senhor, a seguir, logo que teve a idade legal para o fazer, entrou em trabalhos, e trabalhos foram êles que nos deixam tomados de admiração. Pedro, o «apóstolo do entusiasmo», ensinou a Marcos essa bela lição, e a palavra que êste evangelista sempre repete é «logo». Tudo se vai fazendo como se cada facto fôsse o fusil duma corrente de amor.

Hoje, também, essa palavra é uma das chaves da vida.

Quando um grande administrador de Angola tomou, há anos, conta daquela província, de quando em quando enviava recado aos administradores do interior que em tal data *queria* visitar no seu automóvel aquela tal circunscrição. E logo os trabalhos se encetavam, e a a velha preguiça tinha de ser banida... Temos nós, também, amiguinhos, de abrir as veredas para os corações, pois o Grande Governador e Amigo quere fazer ali a sua habitação.

Eduardo Moreira.

Costume suiço

EM certas aldeias dos Alpes suiços os habitantes costumam dar as boas-noites uns aos outros duma maneira muito interessante. Tôdas as tardes, ao pôr do sol, o homem que está no prado mais elevado da montanha toca a sua trompa, e clama: «Boa-noite! Paz seja contigo!» O vizinho mais abaixo ouvindo a saúdação, repete-a exactamente. E assim todos vão seguindo o exemplo do que está lá no alto.

Na véspera do Natal, a cerimónia é um pouco diferente. O homem que está mais perto do cume canta a primeira estrofe dum hino do Natal; o seguinte, canta a segunda estrofe; e assim por diante. Cada um segue o canto dum toque de trompa mais prolongado que de costume, para dizer depois: «Boa noite! Alegre Natal! Aléluia ao Rei dos Reis!»

NATAL

«JÁ não há mais lugar!» E o casal prosseguia,
De porta em porta assim, de agasalho à procura,
E desprezado fôra em meio da longura
Da noite, pois fortuna e luxo não trazia.

Completa é a lotação nas almas hoje em dia.
O prazer se amontoa, e vícios e urdidura...
Quando Cristo um lugar lhes pede com doçura,
Apontam com escarninho a rude estrebaria.

«Já não há mais lugar!» E no entanto, Jesus
Com paciencia caminha, espadanando luz:
«O' dá-me, filho meu, ó dá-me o coração!»

Na amplitude sidéria, o celestial cortejo,
Como em Belém, outr'ora, exulta, bemfazejo
Quando uma alma perdida aceita a salvação.

Stella Camara.

Os que trabalham no Raio de Sol desejam muito Boas-Festas aos seus leitores, amigos e colegas.

NATAL DOS POBRES

NOITE de inverno. Cai neve
Pelos torreões da cidade.
A neve, como a saudade,
Cai de leve, cai de leve.

É um branco lençol que cobre
O telhado em que ela desce,
Mas, lençol que não aquece
Nem ao rico, nem ao pobre.

Penso nos pobres coitados,
Tão felizes pelo estio;
Porém, que morrem de frio,
Quando há neve nos telhados!

Há, por aí, tanta casa
Sem ter acêso um fogão!
O calor é como o pão:
Ricos, dai-lhes uma brasa!

Vejo os homens maltrapilhos
De faces escaveiradas,
Que voltaram das estradas
Sem trazer o pão dos filhos.

Vejo os vèlhinhos curvados,
De olhos tristes, mas sem pranto,
Porque já choraram tanto,
Que ficaram resignados.

E os que nem tecto teem mais
E morrem, desgraçadinhos,
Pelas neves dos caminhos
Como os pobres animais!

Noite de inverno. Cai neve
Pelos torreões da cidade,
O' neve, como a saudade,
Cais de leve, cais de leve.

Luiz Edmundo.

Como celebrar o Natal

CELEBRAR o Natal é uma coisa boa. Haver dias e ocasiões em que todos concordam em descansar e dar expansão à alegria é um costume bom e sábio. Nessas ocasiões sente-se a supremacia da vida colectiva sôbre a vida individual; o homem, pondo de parte o seu pequeno relógio de algibeira, regula-se pelo relógio da humanidade, que marca o tempo pelo sol.

Mas, como celebrar convenientemente o Natal?

Estás pronto a esquecer o que fizeste pelos outros, e a recordar o que os outros fizeram por ti? a esquecer o que o mundo te deve e a pensar no que deves ao mundo? estás disposto a colocar no terceiro plano os teus direitos, no segundo os teus deveres e no primeiro as oportunidades de fazer mais do que o teu dever? estás disposto a contemplar não os rostos dos teus semelhantes mas os seus corações famintos de alegria? queres reconhecer que a razão da existência é não o que a vida nos dá, mas o que damos à vida? estás pronto a fechar o livro de lamentação sôbre os males do mundo, e a semear em algum cantinho sementes de felicidade?

Estás pronto e disposto para isso tudo, ainda que seja por um só dia? Se estás, poderás celebrar o Natal.



Queres curvar-te para considerar as necessidades e desejos das criancinhas? queres lembrar-te da fraqueza e abandôno dos vèlhinhos? queres pensar no quanto os teus amigos te amam e preguntar a ti mesmo quanto os amas a êles? queres trazer no pensamento aquilo que os outros têm de trazer no coração? queres compreender sem que tas digam as necessidades dos que vivem contigo debaixo do mesmo tecto? queres preparar a tua lâmpada de forma que ela dê mais luz e menos fumo, e que a tua sombra fique sempre para trás? queres preparar um túmulo para os maus pensamentos, e um jardim com portão bem aberto para os bons sentimentos?

Queres fazer tudo isso, ainda que seja por um só dia? Se queres, poderás celebrar o Natal.

Queres crer que o amor é a coisa mais forte que há no mundo, mais forte que o ódio, mais forte que o mal, mais forte que a morte? e que a sublime vida manifestada em Belém há mil e novecentos anos é a imagem e o explendor do Amor Eterno?

Se crês isso, poderás celebrar o Natal.

E se tudo isso te é possível por um dia, porque o não será sempre?

Henrique van Dyke.

Um tesouro no céu

FÔRA a pequenina Maria passar a tarde a casa do tio Jorge. Êste ocupadíssimo com as suas contas, disse à sobrinha que se entretivesse com um livro de figuras.

E a Mariazinha, durante perto duma hora, lá esteve contemplando as lindas páginas até que aos seus ouvidos soou esta exclamação do tio:

— É bem bom ter meios para o tempo da necessidade.

— De que fala, tio Jorge? — preguntou a pequena.

— Falo dos meus tesouros, da fortuna que consegui juntar.

— Tesouros no céu? — preguntou Maria que se lembrara do Paizinho ter lido que Jesus disse: «Entesourai para vós tesouros no céu».

— Não, os meus tesouros estão todos na terra: alguns nos Bancos e outros noutros lugares.

— Mas o tio não tem alguns no céu também?

— Creio que não, disse o tio pensativo.

Mal o tio Jorge pôde, deixou a sobrinha com os seus brinquedos e saíu.

Passeou e pensou. Afinal não era tão rico como julgava, visto que nenhum tesouro tinha no céu. Tudo quanto possuia estava na terra. Nada o esperava no céu.

E tanto se impressionou que resolveu «entesourar tesouros no céu»

E passados anos, quando senhora, é que Maria soube ter sido a sua pregunta infantil que levou o tio a tornar-se um verdadeiro cristão, consagrando-se ao Senhor Jesus como seu Salvador.

CANTINHO DOS CURIOSOS

CONCURSO DE 1932

Concorrentes que ganharam 1.ºs Prémios:

Acácia Martins da Costa
Armandina Lydia da Conceição
Berta de Almeida
Filipina Martins da Costa
João Miranda da Costa
Orminda de Castro Peres
Rosina da Conceição
Sofia Martins Coelho

Concorrentes que ganharam 2.ºs Prémios:

Abílio de Souza
Abrão Aldasse
Adelino de Almeida
Alda Castália de Almeida Lagôa
Cláudia Beatriz da Conceição
Clotilde Dulce da Conceição
Corina Helena da Conceição
Daniel Pereira de Souza
Domingos Godofredo Fernandes Braga
Fernanda Eunice da Conceição
Gaston Cabrol
Isabel de Almeida Matos
João Nazaré Palmela Arrebenta
Lídia Augusta Morais de Figueiredo
Lígia Gonçalves Vieira
Margarida de Souza Graça
Maria das Dores Baptista
Maria Elisama Moreira
Maria Luisa Melo de Araújo
Noel Aurélio Melo de Araújo
Noémi Mingot de Oliveira
Serafim João Baptista

Concorrentes que ganharam 3.ºs Prémios:

Armindo Barros
Helena Eduarda Vieira
Higino de Jesus Marques Almeida
Leontina Augusta Rodrigues
Marta Marques Pereira
Palmira da Conceição Magalhães
Sofia Adelaide Pereira de Souza

Concorrentes que enviaram menos de 6 soluções:

António Fernandes Pereira (4)
Judite Augusta de Freitas Lima (5)
Luis Manuel Crespo (3)
Maria do Carmo Moreira Pinto (5)

Os primeiros prémios consistiram em objectos de prata; os segundos em volumes da «Enciclopédia pela Imagem» e «Calendários de desfolhar»; os terceiros em exemplares do livro «Os Reformadores».

Já foram enviados todos os prémios.

Concurso especial de Outubro

Por terem saído errados, repetimos os nomes dos premiados: Alice de Castro Peres, Cláudia Beatriz da Conceição, Clotilde Dulce da Conceição, Edith Ruth da Conceição, Fernanda Eunice da Conceição, Inês de Amorim Paula Tavares, Judite Julia de Almeida Figueiredo, Ligia Gonçalves Vieira, Maria Vitória de Almeida Figueiredo, Marinela Campos Ferreira e Rosina Albertina da Conceição.

«RAIO DE SOL» encadernado

Está à venda na Administração do nosso jornal, o «Raio de Sol» de 1932 ao preço de Esc. 10$00 encadernado em percalina, com uma linda tricromia na capa. Pelo correio, mais Esc. 2$00.

Festa infantil

Convidaram-se crianças para uma grande festa de Natal, mas a sexta parte não pôde aceitar o convite por ter de ir a outra parte com os pais, onze recusaram tomar parte e sete adoeceram. Vieram, finalmente, sòmente 37 tomar parte na festa. Pregunta-se quantas crianças foram convidadas.

Resposta: 66.

Problema

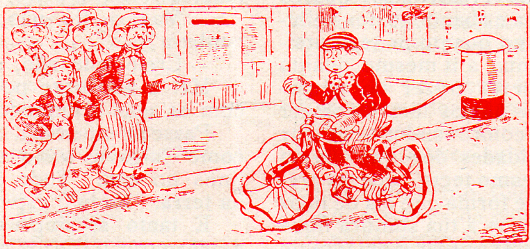
Um vendedor de aves tem para vender um lote de quatro galos e três galinhas, cujo pêso total é de 18 quilos. Tem um outro lote de três galos e quatro galinhas que pesa 17 quilos. Qual é o pêso médio dos galos? e o das galinhas?

Resposta: Pêso médio dos galos 3 quilos e das galinhas 2 quilos.

Solução do problema de Novembro

Cada locomotiva pesa 6,5 toneladas e cada carruagem pesa 3 toneladas.

Aventuras de Fifi



XII

Todo o mundo se ri do ciclista!

Preços de assinatura do RAIO DE SOL em 1932

Portugal, Colónias Portug. e Espanha — Esc.	**6$00**	**Brasil — Réis**	**4$00**
Estados Unidos da América	**$0,50**	**Outros Países — Esc.**	**10$00**

Composto e impresso na TIPOGRAFIA SEQUEIRA, LIMITADA—Rua José Falcão, 122—Pôrto

INDICE

PROSA

Abrir os olhos 13
Abstinência inteligente . . 38
Acendedores e apagadores . 57
Aguia do Niágara (A) . . 22
Alfabeto bíblico. . . . 7
Amor, a chave-mestra . . 51
Amor dum pequenino (O) . 35
Apontando o caminho . . 6
Aritmética divertida. . . 24
Aves (As) 17

Bem-aventurados os pacíficos 75
Berexite Elohim . . . 21
Boa ideia 82
Boa vingança 83
Bôcas da terra 30
Bom exemplo 64
Bom voador , . . . 19

Cantinho dos curiosos 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80 88 e 96
Caravanas no deserto . . 70
Caso curioso 82
Catarina 87
Ciência da ovelhinha . . 13
Como celebrar o Natal . . 95
Como falam os pardais? . 23
Concurso de 1932 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80, 88 e 96
Concurso especial 79, . e 88
Confiança das avezinhas . 22
Cooperação, grande virtude . 61
Coração compassivo (Um) . 46
Corações 74
Costume suiço. . . . 93
Curiosidades 48, 56. . e 88

Dar com alegria . . . 23
Divino Servo (O) . . . 14
Duas fôrças do mundo (As) . 70
Duas maneiras de crescer . 71

E' bom recordar o bem . . 51
Ele pode 86
Encontros importantes . . 44

Findar do ano 93
Flôr da ervilha (A) . . 15
Fôrça dos insectos (A) . . 88

Glória que doira a vida . . 92
Gosto de ser útil . . . 49
Grande Família (A) . . 85
Grande tesouro (O) . . 27
Guarda divina 38

Harmonias e dissonâncias . 75
Heranças celebres . . . 20
Heróis da E. D. do Monte Pedral 2

Histórias de irmãos. . . 44
História verdadeira . . . 65
Horror da fome (O) . . 6
Hortar e regar 29
Humildade bemdita , . . 29

Interior dum transatlântico . 54

Joias maravilhosas (As) . , 28
Josefina I e 10
Juro de esmola 68

Lábaro dos Romanos (O) . 75
Lágrimas bemditas . . , 13
Lar (O) . . , . . . 33
Libertador da boneca (O) . 3
Lições de nomes . . . 60
Lições internacionais 6, 13, 20, 29, 38, 44, 50, 60, 70, 74, 84 e 92
Lições terriveis . . . 7
Linhagem de sonhadores . 39

Madrugar para fazer o bem . 61
Mãi! 31
Maravilha (Uma) . . . 82
Marina 42
Melhor Amigo (O) . . . 30
Metamorfose (A) . . . 25
Milagre (O) 9
Missão do violinista (A) . . 12
Mortes estéreis, morte fecunda 20

Não fui eu 63
Não há mal que não acabe . 50

Obediência frutífera. . . 85
Oculo maravilhoso (O) . . 6
Ondas de amor . . . 60
O que fez o chôro dum bèbé 46
O Senhor é connosco . . 50

Padrões da vida . . . 92
Passagem do Senhor (A) . 50
Pássaros (Os) 22
Passatempo de aritmética . 40
Pazes feitas, mal desfeito . 38
Pensamentos sôbre a amizade 57
Pequenas lâmpadas . . . 79
Poder da fé (O) . . . 76
Polidez do coração . . . 29
Postais de Manchester 43, 59, 66 e 87
Poupa (A) 18
Preciosa água da vida . . 6
Problema 88
Prontidão na tarefa . . . 39

Que bom é saber! . . . 45
Quem dá a tempo . . . 93

Rabugento e Jovial . . . 58
Ramalhete 52
Rapazes (Aos) 68

Ratinho (Um) 72
Riqueza do mundo (A) . . 84

Sabem? 80
Saber valer 84
Salmo CXII 73
Santo Triunfo (O) . . . 20
Senhora Rã (A) . . . 25
Sentença inútil (A) , . . 84
Siga a estrada 66
Sociedade do João . . . 90
Sotsi e o sabão . . . 55
Suas obras o seguiram . . 71

Tesouro no céu 95

Ultima promessa (A) . . 34

Vasco 36
Ver sem mexer . . . 67

POESIA

Adoração 73
As Arvores do Brasil . . 73

Cardo e as rosas O) . . 5
Caridade (A) 78 . . e 90

Despedida 63
Diálogo com a andorinha . 19

Em silêncio . , . . 91
Estrêlas (As) . . . , 31

Galinha dos ovos de prata (A) 67
Galo e águia (O) . . . 11
Gazela vaidosa (A) . . , 86

Hino da noite . . , , 69
Hora de paz 43

Igualdade 83
In illo tempore 35

Jesus e as criancinhas . . 43
Justiça 83

Mão (A) . . . , . 16

Natal 94
Natal dos pobres . . . 94
Ninho de andorinhas (O) . 19
Nuvens (As) 66

Palavras a minha mãi . . 35
Passarinhos 19
Passarinhos (Os) . . . 17
Pela Pátria 42
Prece ao romper d'alva . . 53
Provérbio 67

Respeito pela velhice . . 5

Sabatina infantil . . . 62
Saüdade 31
Sermão da montanha . . 5
Sol (O) 89

Talentos 11
Três palavrinhas . . . 27
Tributo filial 30

Volta do trabalho (A) . . 87

MÚSICAS

Em silêncio 91

Hino da noite 69

Três palavrinhas . . . 27

GRAVURAS

Alegria de rapazes! . 41
Aventuras de Fifi 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80, 88 e 96

Bom exercício 68
Bons amigos 9

Como o Avôzinho . . . 25

Doce tranqüilidade no lar . 28
Dois amigos 84

Em posição 58

Foz do Tua 45

Gravura-enigma 16 . . e 31

Interior dum transatlântico . 54

Janie e Anastasia . . . 49

Mãi angolense 37
Músicos chineses . . . 87

No lago do Monte . . . 12

Preparar para a festa . . 92

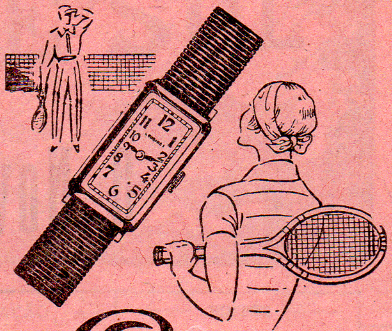
Que lindas! 81

Sem mêdo 21

Trabalho de menino . . 4

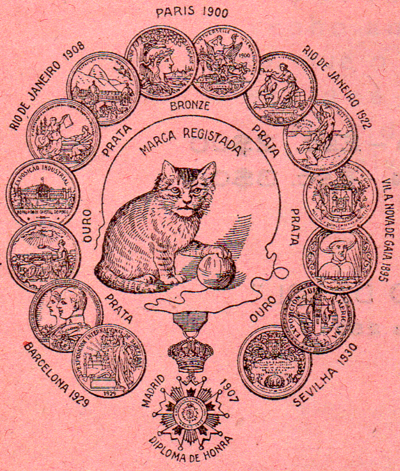
Vasco 36
Vindima do Alto Douro . . 76

LONGINES



A PÉROLA DOS RELÓGIOS

Á venda em tôdas as relojoarias e ourivesarias do Paiz



Fábrica de Fitas e Fiação de Algodão

De

A. C. Cunha Morais

CRESTUMA — GAIA

Os algodões ou linhas para alinhavar desta marca são os melhores de todos, assim como os crús, brancos ou de côres para meias, crochet e outras aplicações.

Também há com a mesma marca cordão de algodão, atacadores, torcidas para candieiros, puxadeiras, fitas de algodão de diferentes qualidades, fita de nastro indiano, etc.

O Novo Testamento

DE

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

TRADUZIDO EM PORTUGUÊS
SEGUNDO A VULGATA LATINA

POR

ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

DA EDIÇÃO APROVADA EM 1842
PELA RAINHA D. MARIA II COM A CONSULTA DO PATRIARCA
ARCEBISPO ELEITO DE LISBOA

1 volume encadernado – Esc. 2$00
Envia-se pelo correio contra reembolso – Esc. 3$00

Pedidos à

Administração do "RAIO DE SOL"
Largo Arca d'Agua 289
PORTO